



UNDER
THE **BED**

EVA MARKS

DEBAIXO DA CAMA

EVA MARKS

OceanofPDF.com

Copyright © 2025 por Eva Marks.

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo fotocópia, gravação ou outros métodos eletrônicos ou mecânicos, sem a permissão prévia por escrito da editora, exceto conforme permitido pela lei de direitos autorais dos Estados Unidos. Para solicitações de permissão, entre em contato com authorevamarcks@gmail.com

A história, todos os nomes, personagens e acontecimentos retratados nesta produção são fictícios. Nenhuma identificação com pessoas reais (vivas ou falecidas), lugares, edifícios e produtos é intencional ou deve ser inferida.

Design da capa por Kate, da Y'all That Graphic

Edição por:

Edições da Nice Girl Naughty

The Blue Couch Edits

✿ [Criado com Vellum](#)

OceanofPDF.com

CONTENTS

[Uma mensagem da autora](#)

[Dedicação](#)

[Playlist](#)

[Sobre o livro](#)

[Prólogo](#)

1. [Kaleb](#)

2. [Shiloh](#)

3. [Shiloh](#)

4. [Kaleb](#)

5. [Kaleb](#)

6. [Siló](#)

7. [Calebe](#)

8. [Shiloh](#)

9. [Calebe](#)

10. [Siló](#)

11. [Shiloh](#)

12. [Calebe](#)

13. [Shiloh](#)

14. [Siló](#)

15. [Siló](#)

16. [Kaleb](#)

17. [Siló](#)

18. [Kaleb](#)

19. [Siló](#)

20. [Kaleb](#)

21. [Siló](#)

22. [Kaleb](#)

23. [Siló](#)

24. [Kaleb](#)

25. [Siló](#)

26. [Kaleb](#)

27. [Calebe](#)

28. [Shiloh](#)

29. [Siló](#)

30. [Kaleb](#)

31. [Kaleb](#)

32. [Shiloh](#)

– [Epílogo](#)

[Sobre a autora](#)

[Mais livros de Eva Marks](#)

[*OceanofPDF.com*](#)

A NOTE FROM THE AUTHOR

Debaixo da Cama é um romance sombrio e sensual.
Ele contém cenas explícitas, perturbadoras e gráficas, além de fetiches
destinados apenas a um público adulto.

A lista completa de avisos de gatilhos, avisos de conteúdo e kinks pode ser
encontrada no meu site www.evamarkswrites.com.

OceanofPDF.com

DEDICATION

*Se você está procurando um herói com bandeira verde, Kaleb Leo
Blackwood não é o cara certo.
Ele ama, vive e transa como o sinal de alerta mascarado que ele é.
Considere este o seu último aviso.*

OceanofPDF.com

PLAYLIST

FJØRA — Cage
Saysh, Anderson Rocio — Know
Amy Stroup — In the Shadows
ADONA — Dark Things
Willyecho — Killer Inside of Me
TIMMS — No Place Like Home
UNDREAM, IOVA — Monster
Chloe Adams — Take Me to Hell
Jzzy — I'll Start with Your Name First
PI3RCE — Don't Fear the Reaper

OceanofPDF.com

ABOUT THE BOOK

Até os monstros debaixo da cama deveriam *me* temer...

Sempre fui uma aberração com máscara. Um psicopata de coração frio.

Não sou adequado para a alta sociedade.

Mas não aos olhos dela.

Minha meia-irmã, Shiloh, é tudo o que eu não sou. Gentil. Gentil. Inocente.

Ela olhou para mim e viu alguém que valia a pena salvar.

Então, quando ela foi agrediram e a justiça não foi feita, eu cuidei disso.

Eu me tornei a justiça.

Isso me rendeu onze anos em um hospital psiquiátrico. Todo mundo achava que eu ficaria lá para o resto da vida.

Estavam enganados.

Agora que saí, quero vingança. Vou destruir todos que ousaram machucar minha garota enquanto eu estava fora.

Mas não antes de pegar o que é meu, e isso é a Shiloh.

Porque, mesmo sendo um monstro doentio e perverso, sou o monstro *dela*.

Nós *vamos* ficar juntos.

Quer ela perceba ou não...

OceanofPDF.com

PRÓLOGO

SHILOH

ONZE ANOS ATRÁS

E Eles estão prestes a levá-lo embora. Prestes a arrancá-lo da minha vida.

Minha barriga está doendo. Acho que posso estar passando mal. Pior do que isso.

Talvez eu nunca mais o veja.

Kaleb Leo Blackwood.

Meu melhor
amigo.

Meu meio-
irmão.

Para começar, é minha culpa ele estar aqui. Neste tribunal. Sentado no banco dos réus, como o papai chamava.

É minha culpa que os dias dele como um garoto livre tenham acabado.

Meus ossos tremem. Um soluço ameaça escapar de mim. Mordo a parte interna da bochecha para contê-lo.

Preciso ser corajosa.

Agora, só tenho a
mim mesma.

Claro, tenho um pai vivo, meu pai. Uma madrasta. Nossos funcionários. Todos nós moramos juntos na nossa mansão em Medina, Washington. Não aqui, em Seattle, onde fica o tribunal.

Na cidade onde o Kaleb matou duas crianças.

Acho que tenho alguns amigos além deles. O restante dos alunos da sexta série com quem estudo não fala comigo.

Pessoas. São apenas pessoas que estão fisicamente perto de mim. Elas não se importam comigo.

Só o Kaleb se importa. Foi ele quem me mostrou, nos últimos cinco meses, como é sentir que alguém realmente se importa com você.

Chega da amizade dele. Do silêncio reconfortante dele. Da gentileza dele. A culpa é minha. Aquelas eram minhas lágrimas que escorreram, e ele as viu. *Shiloh, quem fez isso com você?*

Ele não me soltou até que eu contasse o que tinha acontecido.

A lembrança da voz dele está nítida nos meus ouvidos. Tão alta quanto a culpa que me sufoca. Dói por inteiro, saber que a culpa é minha.

Eu deveria ter ficado de boca fechada.

Se eu tivesse feito isso, não estaríamos aqui esperando que o declarassem criminosamente insano. Sem julgamento. Sem júri.

Insano criminoso.

Por causa do meu pai. Ele ligou para todos que conhecia para garantir que tudo fosse resolvido rapidamente.

Nenhuma cobertura da imprensa, ouviram? Vou processar e arruinar qualquer veículo de comunicação que ouse manchar meu nome.

O Kaleb não é louco. Eu digo isso ao meu pai o tempo todo, mas ele nunca escuta.

Ele odeia nós dois.

“Todos de pé.”

Eu me apresso para fazer o que o oficial de justiça corpulento manda.

Sou uma criança, tenho apenas onze anos.

Me ensinaram a ouvir os adultos, senão...

E a ordem desse adulto é alta. Fica ainda mais alta ao ecoar pelas paredes de madeira do tribunal.

Mas as outras pessoas aqui não estão tão assustadas quanto eu. Não, elas se levantam mais devagar.

Talvez o pai delas nunca tenha ficado bravo com elas por demorarem demais.

Talvez.

O meu com certeza já fez isso.

O meu não tem medo de nada nem de ninguém. Vestindo um dos seus caros ternos azuis, ele se levanta por último.

Logo depois de Astrid, a mãe do Kaleb. Ela está usando uma saia branca e um blazer, o cabelo loiro preso na nuca. Seus olhos dourados, tão parecidos com os de Kaleb, estão fixos no meu pai.

Meu pai a ignora. Seu olhar castanho está fixo no juiz. Eu gostaria que fôssemos as únicas pessoas aqui.

Mas não somos.

Do outro lado do corredor, já de pé, estão os pais das supostas vítimas.

Diante deles está o velho promotor público. Ele tem cabelos grisalhos, e sua assistente é uma moça loira. Meu estômago está revirando. Eu os odeio tanto.

Eu os odiei assim que entraram na minha casa na semana passada.

Ainda mais quando os dois saíram, sorrindo, cada um carregando uma mala grande que haviam recebido do papai. Eles riram como se estivessem contando uma piada ou algo assim.

Uma piada maldosa.

Outras pessoas visitaram o papai depois deles. Eles estão aqui — os dois advogados que deveriam ajudar o Kaleb. Para *fazer tudo se resolver logo*, meu pai disse a eles.

Scarlett, a primeira advogada, tem olhos escuros e cabelos ainda mais escuros presos em um rabo de cavalo bem apertado. Grayson, o segundo, tem cabelos castanhos e olhos azuis.

Eles são muito parecidos. Ombros retos. Ternos cinza. Expressões sérias.

Eles também se levantam. Claro que estão.

A última pessoa que reconheço aqui como amiga do papai é a juíza Gwyneth. Ela acabou de entrar no tribunal. Toga preta. Cabelos brancos. Olhos verdes. Ela está sorrindo.

Por que ela está sorrindo?

Ah, ela está olhando para o meu pai.

Ela pode fazer o que quiser. Eu não me importo mais com ela.

Kaleb. Eu me importo com ele.

Enquanto todos se levantam, ele permanece sentado. Meu salvador. Meu herói.

A pessoa que estou prestes a perder hoje. “Levanta, filho”, meu pai rosna para ele.

A mão de Scarlett já está no ombro de Kaleb, exigindo que ele se levante. Ele não dá ouvidos a ninguém.

Ela ainda tenta.

É para isso que ela está sendo paga.

Com certeza não é para lutar pela liberdade dele. Kaleb e eu assistimos a um episódio de

Law & Order outro dia. Embora eu não tenha entendido tudo no

programa, sei que não era assim:

“Pessoas más que envergonham nossa família deveriam ser trancadas”, disse o papai. Astrid chorou ainda mais alto. Eu os ouvi no quarto deles. “Tudo bem, não na prisão. Em um hospital psiquiátrico. Aquele demônio. Ele é ruim para a nossa imagem.”

Com isso, ela parou de chorar.

Eu não conseguia. Será que o papai estava certo? Será que fui amiga de uma pessoa ruim por cinco meses? Eu achava que não. Mas meu pai não parava de gritar comigo, dizendo que eu era burra e que o Kaleb ia me machucar.

Não.

Não.

Talvez?

Uma lágrima escorre pelo meu olho, rolando pela minha bochecha. Scarlett, a advogada, sussurra algo para Kaleb, e ele finalmente se levanta.

De onde estou, vejo seu rosto solene. Seu cabelo castanho-escuro está cortado curto nas laterais e mais longo no topo. Seus olhos dourados olham fixamente para a frente. Sua mandíbula afiada está bem apertada e seus lábios carnudos estão fechados. Os músculos dos seus braços e ombros esticam seu terno azul-escuro.

Ele fez uma coisa terrível, muito terrível.

Arrancou o coração dos dois jovens que me atacaram — *agrediram*, foi como a detetive que me interrogou chamou no início, antes de dizer que não foi nada — eu.

Esconder dois dos dedos decepados deles em uma caixa de sapatos no meu armário foi estranho. As pessoas não fazem isso. Aí ele me disse que era meu presente. *Nosso segredinho*.

Na época, não pareceu uma coisa ruim. Talvez eu estivesse errada sobre isso. Ultimamente, sinto que tenho me enganado sobre tudo.

Algumas pessoas chamaram meu meio-irmão de monstro quando entramos no tribunal hoje. Eles não conseguiram se aproximar — nem eles, nem os fotógrafos. Os seguranças do papai os impediram e quebraram as câmeras deles.

O que ele não conseguiu impedir foi a polícia invadir nossa casa. Ele não fez nada quando tantos policiais e viaturas chegaram à nossa casa para levar Kaleb à força há menos de duas semanas.

Um garoto de quinze anos.

Temos imagens dele saindo do local. As mãos dele estavam ensanguentadas. Temos impressões digitais nos corações deles e no cutelo, Sr. e Sra. Talbot. Temos um mandado para isso. Para o DNA dele também.

O garoto é um monstro.

Não.

Mas o pai repete. Ele é igual às pessoas que esperaram do lado de fora pela nossa chegada hoje. Nem mesmo a mãe do Kaleb o visitou na cela. Ela disse que era uma viagem muito longa de nossa casa em Medina. Não era. Eu sei que ela mentiu.

Ele não é um monstro. Não pode ser.

Sim, ele é mais alto do que todos no tribunal. E mais corpulento também. Eles evitam olhar nos olhos dele.

Sempre fui grata por isso. Ele é como uma parede, me protegendo sempre que o papai grita comigo. Kaleb é o motivo de eu não ter levado nenhum tapa nos últimos cinco meses.

Temos passado horas juntos. Só eu e meu irmão mais velho.

Ao contrário do papai, não me importo nem um pouco quando o Kaleb está usando a máscara branca que estou segurando entre os dedos agora. Aquela com o cabelo castanho falso, que está muito mais bagunçado do que o dele. Com aqueles buracos pretos assustadores no lugar dos olhos.

Ela é legal. *Ela é legal.*

Ele está ao meu lado e me escuta. Ele me ajuda a montar muitos quebra-cabeças quando brincamos juntos no meu quarto.

Kaleb nunca encostou um dedo em mim. Nunca me tocou como o Connor e o Lee tocaram. Além de me carregar para a cama quando eu pegava no sono no sofá da nossa sala, ele nunca me machucou.

Ele se importava quando ninguém mais se importava.

Shiloh, quem fez isso com você?

“Podem se sentar.” Esta é a juíza Gwyneth.

Todos se sentam.

Todos, menos Kaleb.

A preocupação de que ele se meta em mais problemas faz minha garganta arder. “Kaleb, por favor, sente-se.”

Ele olha por cima do ombro. Ah, não.

Os olhos dele são quase tão escuros quanto os da máscara. A juíza pigarreia. “Sr. Blackwood.”

Por favor, digo com a boca, sentindo a fúria do meu pai crescer ao meu lado. Kaleb olha para ele antes de finalmente se sentar.

A juíza começa a falar sobre o caso e o acordo judicial usando palavras complicadas que tenho dificuldade em entender. De qualquer forma, eu sei o que elas significam.

Meu estômago dói. Meu estômago revira. Estou suando, tremendo.

O Kaleb me assusta. Perdê-lo me assusta.

A juíza Gwyneth continua, mesmo que eu esteja prestes a vomitar. Ela não se importa que esteja prestes a me deixar sozinha no mundo. Que ela está prestes a prender a única pessoa que eu amo.

Pessoas más que envergonham nossa família deveriam ser presas.

Eu me contenho para não balançar a cabeça com as palavras do papai.

Ele vai ficar furioso se eu me comportar mal. E o Kaleb não vai estar lá para me proteger quando ele me castigar.

Eu não estarei lá para ser a única amiga dele. A irmãzinha dele.

Quem vai se importar com ele lá? Será que algum dia vou poder visitá-lo? Ele vai ficar sozinho. Nós dois vamos ficar.

A raiva é outra emoção dolorosa. Eu gostaria de não sentir raiva. Eu sinto.

O Kaleb não precisava ter matado aqueles meninos. A gente podia ter ficado juntos. Antes disso, a mãe do Kaleb sempre conseguia convencer o papai a deixá-lo ficar.

Eu devo isso a ele, ela costumava dizer.

Aí o Kaleb foi preso.

Ele *escolheu* me deixar.

Meus dedos se cravam no látex da máscara dele, com mais força do que nunca.

Por que você fez isso?

Estou confusa. Tudo dói.

A voz da juíza Gwyneth interrompe meus pensamentos. "...inocente dos crimes apresentados na acusação por motivo de insanidade, conforme o acordo judicial."

"Não!", grita uma mulher.

"Nossos bebês!" lamenta outra, com a voz despedaçada.

Ninguém disse a elas como isso terminaria? Como contaram para nós? "Ordem." *Bam! Bam! Bam!* A juíza bate o martelo.

Kaleb começa a se virar para mim. Grayson, com a mão na nuca, implora silenciosamente que ele olhe para a frente. Kaleb rosna.

"Não concordamos com isso!" O homem fala mais alto que os oficiais de justiça.

As pessoas falam e gritam. Eles fazem tanto barulho. Estão dentro da minha cabeça. Ela vai explodir a qualquer momento.

"Isso mesmo!", grita um dos pais à minha direita. Meu coração dispara. Kaleb apenas dá de ombros. "A gente tem direito a opinar sobre isso."

Quando os gritos e o choro continuam, a juíza bate o martelo novamente. “Tirem essas pessoas da minha sala de audiências.”

“Somos os pais das vítimas”, grita a primeira mulher. “A senhora não pode nos expulsar.”

“Fora.” A juíza sacode a cabeça. Agora que olho bem para ela, tenho certeza de que já a vi em casa uma ou duas vezes. Ela é uma das muitas amigas do papai.

“Não! Não!”

Briga. Rosnados. Choro. O quarto está repleto deles.

Depois, fica quieto.

Muito

.

Muito

.

Silênc

io.

“Por favor, levantem-se.”

Os três se levantam. “Kaleb Leo Blackwood.”

As mãos dele se movem à sua frente, fechando os botões do paletó. O paletó que ele não usará por muito mais tempo.

Em vez de apertar a máscara dele, eu a abraço junto ao corpo. Ao meu lado, papai zomba, mas eu o ignoro.

Vou pagar por isso mais tarde.

Vou pagar.

Agora, preciso de conforto. Preciso dele.

Não vou ficar com ele. O juiz está dizendo que ele vai para um hospital psiquiátrico.

Onde ele ficará até...

Até...

Ninguém sabe.

Papai espera que seja pelo resto da vida dele.

Ontem, a mãe do Kaleb finalmente disse que também esperava isso.

Se dependesse de mim...

“Kaleb”, soluço o nome dele quando os homens o levam para fora.

“Kaleb, por favor.

Por favor!”

Por favor, não me abandone.

Ou... por favor, vá embora. Não quero que você me mate.

Ele vira a cabeça. O olhar dele é penetrante, me atravessando.

A dor na minha barriga se intensifica. Facas invisíveis me cortam.

Eles o arrastam, mas ele não para de olhar para mim. Ele precisa que eu diga alguma coisa, tenho certeza disso. Kaleb me implora para dizer o que eu quero.

Aposto que, se eu pedisse, ele fugiria comigo agora mesmo.

Ele é problema, Shiloh. Você faria bem em esquecê-lo, ou acabaria como aquelas crianças. Mortas, sem o coração e sem alguns dedos.

Eu queria que o Kaleb ficasse. Queria que ele não me matasse se ficasse. O que eu faço?

O que eu faço?

“Vamos, Shiloh.” A mão do papai agarra meu braço. Com muita força. Apertada demais.

Não consigo dizer nada.

Kaleb rosna enquanto o levam para muito, muito, muito longe de mim.

— Pega. Estendo a mão para ele, segurando a máscara. Mas ele não está nem perto de mim. Ele nunca vai conseguir pegá-la. Ele olha para ela.

Por um segundo.

Então, seu olhar sombrio se fixa no meu rosto.

“Não se preocupe, irmãzinha.” A voz dele é tão fria quanto um inverno em Seattle.

Arrepios percorrem meu corpo. Minha respiração fica presa na garganta. “Eu vou voltar pra te buscar.”

Estão arrastando ele para fora. Eles são brutos. Cruéis. Eles estão me deixando chateada. Fazem meu peito doer. Kaleb não liga para eles.

— Eu prometo a você. Seus lábios se curvam. “Custe o que custar, vou voltar por você.”

KALEB

ONZE ANOS DEPOIS — ATUALMENTE

“ Aproveite sua saída de campo, Kaleb.” O sorriso do Dr. Reynolds se estende por seu rosto enrugado. O terapeuta que foi designado para mim desde o meu primeiro dia no Hospital Psiquiátrico de Berkshire.

Nuvens se acumulam acima de nossas cabeças, lançando uma luz cinzenta sobre este dia cinzento. O frio do outono se infiltra sob nossas roupas. Uma brisa constante assobia na floresta ao redor do hospital em que estou trancada há onze anos. As folhas alaranjadas resistem ao vento ou caem no chão.

Em outras palavras, é um dia típico de outubro em uma das florestas de Washington.

Ou, pelo menos, é o que faço esse bando de idiotas acreditar.

Afinal, também não há nada de diferente em mim, não é? Minha aparência é a mesma. Com meu macacão azul. Mantendo o mesmo silêncio que preservei — na maior parte do tempo — durante toda a minha estadia aqui. Ao longo da minha vida, na verdade.

Diante do meu silêncio, meu médico delirante empurra os óculos de armação quadrada para cima no nariz. Um sorriso hesitante e trêmulo

substitui seu

sorriso confiante.

Minha presença o enerva. Também desperto o interesse dele. Um enigma que ele está morrendo de vontade de resolver.

Isso é bom. Se não fosse assim, eu já teria sido transferida para uma unidade para adultos há muito tempo. Tenho 26 anos, não sou mais menor de idade.

O Dr. Reynolds disse isso. Alguns meses antes do meu aniversário de dezoito anos, ele me disse que estava tentando me manter aqui. Que queriam me transferir para uma instituição em outro *estado*.

Desde então, venho dando a ele migalhas de pão que não significam nada.

Qualquer coisa para me fazer ficar aqui.

Funcionou. As malditas migalhas de pão me mantiveram aqui, em vez de me mandarem para a Flórida.

Do outro lado do país.

Longe *dela*.

Shiloh.

Eu contendo um rosnado.

Ninguém vai atrapalhar meus planos de me reencontrar com ela.

Mesmo que não tenhamos contato há anos. Desde o julgamento.

Mesmo assim. Mesmo assim, porra.

Eu nunca me esqueci dela. Precisei ficar por perto.

Fiquei arrasado quando minha fonte — uma ex-prisioneira deste inferno — me informou que o pai dela a mandou para Los Angeles. A distância doeu mais do que uma dúzia de socos nas costelas. E eu sei bem o que é isso.

Mas tudo isso ficou para trás. Ela voltou para

Seattle. O momento perfeito para eu fugir daqui. Para encontrá-la.

Tantas coisas. Tantas coisas desprezíveis e deploráveis que quero e vou fazer com

co

m Minha irmãzinha adotiva, que não é mais tão pequena.

ela. Eu a observei ao longo dos anos. As fotos dela foram o que provocou a mudança em mim.

Aqueles grandes olhos azuis. Seu cabelo castanho exuberante que chega aos ombros. A minha foto favorita entre as três foi tirada na casa dela, em Seattle, no dia de Natal, há dois anos.

Ela se tornou uma mulher linda enquanto eu estava preso aqui.

Enquanto eu me tornei ainda mais possessivo com ela.

Minha obsessão por ela se transformou em algo muito mais sinistro do que era anos atrás.

Estranho, concordo. Eu nunca *sinto nada*.

Mas, por outro lado, nunca conheci ninguém como a Shiloh. Ela faz coisas com o meu coração frio.

Além de amor e proteção, há raiva. Ela não me defendeu no tribunal. Nem quando o promotor veio à nossa casa para o acordo de delação premiada por baixo dos panos.

Não teria mudado nada, mas que saco. Eu queria ouvi-la dizer *que meu irmão não é culpado. Que ele fez a coisa certa*.

Também há luxúria e uma necessidade violenta de possuir o corpo dela. Ela será a primeira pessoa com quem terei relações sexuais. E eu vou estar com ela.

De qualquer maneira que importe.

Enganar o Dr. Reynolds funcionou e me deu essa oportunidade de fuga.

Faz anos que não saio. Onze, Dr. Reynolds. Me deixe sair por uma hora. Um passeio seguro pela floresta. Depois disso, terei muito a contar. Vou te contar tudo sobre por que sou do jeito que sou.

Na manhã seguinte, minha viagem de um dia estava agendada. Uma viagem da qual nunca mais voltarei.

“Bom, então.” Ele junta as mãos à sua frente. Uma gota de suor escorre entre elas e cai no chão. Ele está muito empolgado, o bobo; acha que esta é a sua grande oportunidade. “Se esse experimento der certo, esta viagem não será a última.”

Um bufo à minha direita. Dick — o nome combina perfeitamente com ele, o desgraçado.

Meu guarda mais odiado. O homem que está me acompanhando nesta viagem.

O babaca adora tirar sarro da minha máscara. Ele zomba de mim sempre que encontra as três fotos que escondi no meu quarto. Ele não acha que Shiloh seja feia nem nada do tipo. Ninguém jamais acharia.

Ele fica puto por eu ter conseguido trazê-las escondidas por meios alternativos. Que o Dr. Reynolds me deixe ficar com elas, mesmo que as regras não permitam.

O nome de Jerome nunca vai sair dos meus lábios. Temos a mesma idade. Crescemos aqui juntos. A única diferença é que ele foi liberado aos dezoito anos. Tenho certeza de que ele não parou de cometer crimes lá fora. Ele simplesmente não é pego.

Com certeza não serei eu a responsável por ele ser mandado de volta

para cá. A não ser como visitante, é claro.

Um visitante que me dá presentes. Presentes que vêm com um preço que terei que pagar quando estiver do lado de fora.

“Você vai fracassar, aberração.”

Eu me viro para o Dick, o desgraçado sorrateiro que roubou dois itens valiosos do meu quarto hoje de manhã.

Seus olhos castanhos, estreitos e redondos, me encaram.

Ele fede a medo. Ele detesta quando eu o encaro em silêncio. Faço isso sempre que posso.

Quando ele mexe nas minhas coisas. Quando ele procura por facas ou comprimidos. Ele zomba e xinga, tentando disfarçar o terror que não consegue afastar.

Essa parte, essa fraqueza quando se trata de mim, é o que ele mais odeia. Aquele babaca careca guarda rancor de mim desde o momento em que nos conhecemos.

Não ajuda em nada o fato de eu continuar roubando o cassetete dele — e batendo nele com o cassetete — sem sofrer consequências.

Eles quase nunca me sedam aqui, não importa o que aconteça. A menos que seja naquela época do ano. Naquela noite em que estou no meu pior, é quando eles enfiam aquela agulha no meu braço.

Fora isso...

Kaleb está no caminho da cura, Dick. Ele está isolado dos outros pacientes no quarto dele há cinco anos. Estaríamos fazendo um grande desserviço a ele se o puníssemos. Os choques elétricos só serviriam para piorar a situação dele. Tire um dia de folga para se recuperar. Amanhã, você estará novinho em folha.

O perdedor ouvia isso do Dr. Reynolds toda vez que ele interrompia nossas brigas. Apesar dos hematomas no rosto, nas costelas e nas costas. Independentemente de quão inchada estivesse sua cabeça. Do sangue que muitas vezes tingia seus lábios de vermelho.

Meu médico não deixava que ele me machucasse. Ele nunca deixaria. Ele precisa de mim.

Talvez ele sonhe em escrever um livro sobre mim. Ou ele está curioso sobre um assassino de 26 anos que usa máscara por horas a fio.

Quem se importa?

Hoje, tudo isso acaba.

Os anos que passei trancada. Sendo examinada. Observada. Interrogado. As algemas nas minhas mãos agora não são novidade.

Pronto.

Meu Deus do céu, mal posso esperar para tirar esse moletom. Para calçar

os mocassins brancos.

Esse uniforme de prisioneiro, cansei dele.

Ainda bem que meu motorista parece ser mais ou menos do meu tamanho. Ele está encostado no micro-ônibus branco, vestindo um suéter bege, jeans lisos e botas de couro. Esperando por nós.

Pelo visto, ele não é obrigado a usar uniforme como o Dick. Eu não planejava trocar de roupa tão cedo. Não podia contar com isso.

Mas, depois de 26 anos de azar, a sorte sorriu para mim. Quem diria que Deus tinha consciência?

O Dr. Reynolds deveria ter designado pelo menos mais uma pessoa para nos acompanhar nessa jornada. Se ele fosse um homem sábio. Se ele fosse menos obcecado por mim, menos obcecado em precisar descobrir tudo o que puder sobre mim.

“Dick, esse tipo de comportamento é inapropriado e desnecessário.” Meu psiquiatra de 65 anos está ali, com Berkshire como pano de fundo.

Inapropriado. Ha. O que é inapropriado é o Dick ter minha foto e minha máscara escondidas na mochila dele.

O que foi desnecessário foi o Dick me acordar antes do amanhecer. Ele fez isso para me avisar que estava mantendo minhas coisas como reféns, para garantir que eu não tentasse nada.

Eu? *Tentar?*

Só os fracos *tentam*.

Eu *vou* matar ele. E não vai ter nada de engraçado na morte dele.

Enfim, eu balancei a cabeça, prometendo silenciosamente me comportar. Dick riu. Ele achou que tinha vencido. Ainda acha que está em vantagem, já que não dedurei ele. Como se eu precisasse do Dr. Reynolds para qualquer outra coisa além dessa viagem idiota.

Em breve, terei a foto de Shiloh e minha máscara.

Uma máscara idêntica à que eu usava em casa. Vou usá-la durante toda a árdua e longa caminhada de volta para casa. Ou enquanto dirijo o carro que vou roubar. Dependendo da minha sorte.

Uma coisa é certa.

Vou pegar a máscara de volta com o Dick e vou usá-la quando invadir o apartamento dela. Quando eu a aterrorizar.

Quando eu dominar o mundo dela. Sem piedade. Cruelmente.

Totalmente.

Chega de se esconder de mim. Nunca mais, porra. — Mas...

“Eu agradeceria se você evitasse provocar o Sr. Blackwood.”

Odeio ser chamado de Sr. Blackwood. É o nome do meu pai falecido. No entanto, não dou sinais de que estou demonstrando meu desprezo.

“Tá, tá.” Uma folha de laranjeira se solta do galho à minha direita e cai em cima da cabeça careca de Dick. Ele a tira. “Só o melhor para o Sr. Blackwood.”

Meu Deus, chega desse nome.

“Que bom.” Meu médico dá tapinhas na camisa xadrez verde dele. Outro gesto de nervosismo.

Ele tem me estudado, é verdade. Também aprendi tudo o que pude sobre ele. “Kaleb, e você?” Mais alisadas na camisa. Mais ansiedade transbordando

dele.

É uma reação direta ao estreitamento dos meus olhos e ao movimento lento da minha mão pelo meu cabelo curto. Quanto mais devagar eu me movo, mais a agitação dele se intensifica, percebi. Uma pequena vingança por me tratar como um inseto sob um microscópio.

“Vai ser ótimo, não vai?”, ele pergunta, o idiota. “Exatamente o que você queria.”

Como ele não vai me deixar ir embora a menos que eu responda à sua provocação, aceno com a cabeça. Ele retribui o gesto, ajustando os óculos no nariz.

“Maravilha. Te vejo daqui a uma hora, então.”

Até nunca mais.

Eu me viro e começo a caminhar em direção à van.

Sabidamente, Dick fica atrás de mim enquanto arrasto os pés no cascalho. A corrente de metal que prende minhas algemas de tornozelo tilinta a cada passo que dou.

Que piada do caramba, achar que eles conseguem me conter. Meu surto de crescimento aos dezoito anos chocou o clínico geral do hospital. Meu corpo inteiro ganhou volume enquanto eu ficava mais alto a uma velocidade desumana.

Com 1,95 m, sou magro. Largo. O que mais os assusta é que eu nunca precisei me esforçar muito para isso. É a maneira do meu corpo me transformar em um monstro maior.

Tanto que tenho certeza de que ainda conseguiria quebrar o pescoço de uma pessoa. Mas não quebrei.

Ainda. Os desgraçados daqui têm sedativos.

Quando eles os injetam no meu braço, fico inutilizado. Nada além de carne e ossos.

Mas eles não têm um milhão de guardas e assistentes na van. Serei

eu contra o Dick e o motorista.
Nenhum deles terá a chance de pegar a seringa.

Eles vão ficar cara a cara com a assassina que eu nasci para ser. Já provei isso antes.

Daqui a alguns quilômetros, vou provar de novo. E de novo.

E de novo.

E...

O motorista aperta o botão para abrir a porta traseira. Ele aperta outro botão, e uma rampa desce até o chão.

“Entra, aberração”, sibila Dick. Ele está perto o suficiente para que eu sinta o cheiro de charque no hálito dele e a fumaça acre dos cigarros.

Ele recebe o mesmo aceno de cabeça que o Dr. Reynolds. Subo a rampa até a van, ombros caídos, cabeça baixa. Estou curvada para poder entrar sem bater a testa.

Também é para fazê-lo acreditar que venceu. Que vou ficar sentada neste banco em que acabei de me sentar. Que não vou incomodá-lo durante toda a viagem.

Um truque no qual ele está caindo.

O sorriso presunçoso dele me diz isso.

Gente. Elas realmente deveriam parar de deixar que os sentimentos governem as ações. “Você e eu...” Ele se agacha aos meus pés, prendendo outra algema à minha perna e depois no banco. Ele a sacode para ter certeza de que não vai se soltar. Que eu não vou me soltar.

Ridículo.

“Temos algumas pendências para resolver na estrada.” Enquanto ele puxa a corrente, seus músculos se destacam sob o uniforme cinza-escuro de guarda. “Uma conta a acertar.”

Eu poderia acabar com isso agora mesmo. Matar ele em um piscar de olhos, sem nem mesmo usar as mãos.

Ele também poderia. Alguns golpes na minha cabeça com o cassetete dele e eu estaria acabada. Mas este não é o momento certo. Temos público.

Mas em breve...

A rampa sobe. A porta se fecha.

Dick está de pé, acenando para o Dr. Reynolds pela janela.

Enquanto ele está ocupado bancando meu babá zeloso, dou uma olhada furtiva no motorista, avaliando a ameaça de perto. Ele está na casa dos quarenta. Seu cabelo loiro é comprido, preso em um rabo de cavalo baixo. Deve pesar mais de 110 quilos, fácil.

Ele não tem a menor chance contra mim.

Não vai conseguir quando eu estiver com tesão para foder, torturar e possuir minha meia-irmã.

Nada nem ninguém vai me afastar dela.

Shiloh.

O motor da van ronca enquanto atravessamos o cascalho. Ele se acalma quando chegamos à estrada pavimentada.

Bordos se alinham em cada lado da estrada. Folhas laranjas e vermelhas enfeitam seus galhos. Eles se destacam contra o céu cinzento, como um fogo latente. Isso me lembra o fogo que está sempre queimando dentro do meu coração.

O sussurro ardente que não me deixa em paz.

Shiloh. Shiloh. Shiloh.

“Só você e eu, maluco.” Olha só aquele covarde, ficando bem ali, perto do banco do motorista, onde ele deixa a mochila. Ele vai ficar seguro lá. Por enquanto. “Sr. Motorista, aqui...”

“Oswald”, resmunga o homem atrás do volante. Como se isso importasse.

“Oswald.” Dick lambe o lábio superior, tira o cassetete do cinto e o bate contra a palma da mão aberta. *Tac. Toc. Tac.*

Uma tática de intimidação antiga e chata. Usei táticas muito melhores quando aterrorizei os agressores de Shiloh.

Eles choraram quando eu os encurralei contra a parede do banheiro da escola. Eu havia prometido a eles que atacaríamos Shiloh todos juntos, que, desta vez, ninguém nos impediria.

Depois, tranquei a porta atrás de mim. E coloquei minha máscara. Então fui *eu* quem colocou as mãos neles.

“Ele está sendo pago para ficar de boca fechada.” Dick ri de mim. “Pode esquecer a ideia de ele me entregar. Estou aqui para fazer o que eu quiser com você, finalmente, porra.”

Ele se aproxima de mim. A voz dele fica mais baixa.

Eu deveria estar tremendo de medo? Com isso? Esse cara está falando sério, caramba? Eu reviraria os olhos se não estivesse tentando atraí-lo para mais perto.

Eu me encolho quando Dick se ergue sobre mim. Encolho os ombros para a frente, me enroscando como uma bola.

“Você tem sido um pé no saco desde o primeiro dia.” Há algo mais no hálito dele. Nas roupas dele. Álcool velho. Eu reconheço, graças ao meu velho. “Revidando. Sendo a lunática favorita do Doutor.”

A saliva voa por todo o meu rosto. Já sobrevivi a coisas

piores.

“Ele não está mais aqui para te proteger.” A raiva dele aumenta à medida que nos afastamos do hospital. O rosto dele está ficando roxo. Os olhos esbugalhados.

Isso aí, perdedor. Deixa sua raiva tomar conta.

“O que você tem a dizer antes que eu te deixe todo roxo?” Ele chuta minha canela. “Hã? Hein? Hein?”

Eu só fico olhando para ele.

“Sua aberração do caralho.” Seu rugido é de frustração. Ele gostaria que eu implorasse, chorasse ou pedisse desculpas.

Ah, não.

“Fala logo! Por que você não fala, porra?”

Quando morávamos juntos, eu *falava*. Eu conversava com Shiloh. Foi o máximo que já conversei com alguém.

Não falo com ninguém há anos. Ela não me visitou. Ninguém tem permissão para isso — ordem médica. Ela também nunca escreveu. Como eu só tinha permissão para escrever para alguém se essa pessoa me mandasse uma carta primeiro...

Ela vai ser punida por isso.

Um buraco na estrada me tira dos meus devaneios. Dick e eu balançamos para a esquerda. Direita. Esquerda. Nós dois voltamos a ficar equilibrados.

“Sblablendblada.”

A baboseira completa que eu solto faz com que ele franza as sobrancelhas. “O quê?”

“Sblablendblada.”

“Putaquepariu.” O bastão bate no meu abdômen. “Mais alto.” Eu tusso. “Sblablendblada.”

“Filho da puta”, ele diz para si mesmo. “Não preciso mesmo ouvir ele. Não me importo, na verdade.”

Ah, ele se importa, sim. Nos onze anos em que estive preso, quase não falei com ninguém. Parece que o Dick é igual ao resto deles. Morrendo de vontade de saber o que se passa na minha cabeça.

Ele nunca ouviu falar que a curiosidade matou o gato?

“Está tudo bem aí atrás?” A voz de Oswald parece vir de quilômetros de distância. Nada existe além de mim e do meu alvo.

“Cuida da sua vida, velhote.” Os lábios de Dick se transformam em uma linha fina e branca enquanto sua mão aperta o cassetete. Olhando pela

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Under The Bed Eva Marks"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).